

PARTE I

A TEMPESTADE EM FORMAÇÃO

A Eterna Primavera

Nasci no paraíso.

Pelo menos era assim que me sentia a respeito da minha terra natal durante meus primeiros anos de vida.

Ruanda é um país pequenino, engastado como uma jóia na África Central. Sua beleza é tanta que é impossível não ver a mão de Deus no ondular de suas luxuriantes colinas, montanhas envoltas em névoa, vales verdejantes e lagos que cintilam. A brisa suave que desce das montanhas, por entre florestas de pinheiros e cedros, traz consigo o doce perfume dos lírios e dos crisântemos. E o clima é tão ameno o ano todo que os alemães, chegados no final da década de 1830, chamavam-na “terra da eterna primavera”.

Durante a infância, jamais me falaram sobre a existência das correntes do mal que um dia dariam origem ao holocausto que inundou meu país num banho de sangue. A menina que eu era só conhecia do mundo a encantadora paisagem ao seu redor, a gentileza dos vizinhos e o amor profundo de meus pais e irmãos. Em nossa casa, racismo e preconceito eram totalmente desconhecidos. Eu não tinha consciência de que as pessoas pertenciam a tribos e raças diferentes e, até entrar para a escola, jamais havia escutado palavras como tútsi ou hútu.

Em minha aldeia, crianças caminhavam mais de 12 quilômetros, por trechos desertos de estrada, para ir e voltar da escola, mas seus pais não se preocupavam com a possibilidade de serem raptadas ou de alguma forma maltratadas. Meu maior medo nessa época era o de ficar sozinha no escuro — a não ser por isso, eu era uma menininha muito feliz, em uma família feliz, habitante do que me parecia ser uma aldeia feliz, onde as pessoas se respeitavam e eram amigas umas das outras.

Nasci em Kibuye, uma província de Ruanda Ocidental, na aldeia de Mataba. Nossa casa se erguia sobre o topo de uma colina, com vista para o lago

Kivu, que parecia estender-se até o infinito diante de nós. Em manhãs claras eu podia avistar as montanhas na outra margem do lago, no vizinho Zaire, hoje República Democrática do Congo. Entre as cenas indelevelmente gravadas em minha memória está a arriscada descida da encosta íngreme que ia da nossa casa até o lago. Assim que os raios do sol dissipavam os derradeiros vestígios da neblina da madrugada, eu ia nadar com meu pai e irmãos. A temperatura da água era cálida, o ar que tocava nossa pele era fresco, e avistar nossa casa, muito acima da margem do lago, sempre me emocionava.

O caminho de volta era uma verdadeira aventura, porque a colina era muito íngreme, e a terra sob nossos pés, instável e traiçoeira. Eu muitas vezes escorregava e sentia medo de rolar ladeira abaixo até cair no lago. Meu pai sempre percebia quando eu estava com medo e me carregava em seus braços até em casa. Era um homem grande e forte, e, aconchegada naqueles braços vigorosos, eu me sentia amada e protegida. Causava-me grande emoção ser levada assim, de forma tão carinhosa, já que meu pai era antiquadamente reservado e raramente demonstrava emoção ou falava de seu amor por mim ou por meus irmãos — embora tivéssemos certeza desse amor.

Ao chegarmos da natação, encontrávamos minha linda mãe ocupada na cozinha, preparando o prato quente de arroz com feijão que costumava nos servir diariamente antes de nos despachar para a escola. Sua energia jamais cessava de me surpreender. Mamãe era sempre a primeira a acordar e a última a se deitar — levantava-se muito antes de todos para conferir se a casa estava em ordem, nossas roupas estendidas, nossos livros e lições separados, e os papéis do trabalho de papai organizados. Confeccionava todas as nossas roupas, cortava nossos cabelos e enfeitava a casa com objetos feitos à mão por ela mesma.

Os feijões servidos em nosso desjejum eram cultivados em nossas terras, que mamãe supervisionava todas as manhãs enquanto ainda estávamos dormindo. Inspeccionava a lavoura, distribuía as ferramentas aos trabalhadores temporários e verificava se nossas vacas e demais animais estavam alimentados e com os bebedouros cheios. Então, findas as tarefas matinais e tendo nos mandado para a escola, se encaminhava para a escola primária local onde trabalhava como professora em tempo integral.

Meus pais eram ambos professores e acreditavam firmemente em uma boa educação como única defesa contra a pobreza e a fome. Apesar de ser um dos menores países da África, Ruanda — que tem aproximadamente a mesma extensão que o estado brasileiro de Alagoas — é um dos mais densamente povoados do continente e um dos mais pobres do mundo. Papai e mamãe foram os primeiros de suas famílias a obter um diploma de segundo grau e estavam

decididos a fazer com que seus filhos fossem mais além. Papai ensinava pelo exemplo, trabalhou duro e estudou muito a vida toda. Recebeu muitas honrarias e promoções em sua carreira e ascendeu continuamente os degraus que o levaram de professor primário até o posto de diretor da escola secundária e, por fim, administrador-chefe de todas as escolas católicas em nosso distrito.

Em Ruanda, cada membro de uma mesma família tem sobrenome diferente. Quando os filhos nascem, seus pais lhes dão um sobrenome, que reflete os sentimentos do pai e da mãe ao ver pela primeira vez o bebê. Em kinyarwanda, língua nativa de Ruanda, meu nome (Ilibagiza) significa “bela e brilhante de corpo e alma”. O nome foi escolhido por papai, o que sempre me faz lembrar o quanto ele me amou desde o momento em que nasci.

O nome de meu pai era Leonard Ukulikiyinkindi, e o de minha mãe, Marie Rose Kankindi, mas seus amigos a chamavam de Rose. Eles haviam se conhecido na casa de um de meus primos, no verão de 1963, a caminho das bodas de um amigo em comum. Ao serem apresentados, mamãe examinou papai e estalou a língua diante do seu cabelo crescido.

— Você vai a um casamento com esse cabelo?

Meu pai deu de ombros e argumentou que não conseguia encontrar um barbeiro. Mamãe arranhou um par de tesouras, mandou-o sentar-se e se pôs a trabalhar ali mesmo. Ela deve ter se saído bem na tarefa, pois se tornaram inseparáveis. Casaram-se dentro de um ano, e papai nunca mais permitiu que alguém cortasse seus cabelos, a não ser mamãe.

Meus pais conseguiram juntar algumas economias trabalhando como professores e cultivando as terras que meu avô lhes havia doado (cultivavam e comercializavam feijão, banana e café). Papai projetou e construiu nossa casa, a qual, muito modesta pelos padrões ocidentais, era considerada luxuosa em nossa aldeia. Tínhamos uma cozinha, uma sala de jantar e outra para visitas, nossos quartos e um quarto de hóspedes, e papai possuía até um escritório. Um pátio, fechado por um portão, dava para um pequeno anexo em que os trabalhadores temporários se alojavam, e — graças a Deus — tínhamos um galpão reservado para os animais, de modo que as vacas não dormiam dentro de casa conosco. Papai colocou uma caixa d’água no telhado para captar água da chuva e não termos que buscar água no lago Kivu, e os painéis solares que instalou nos forneciam luz elétrica por cerca de uma hora nos dias ensolarados.

Possuíamos dois veículos, o que era inaudito na parte de Ruanda que habitávamos: uma motocicleta cross-country amarela, que papai usava para visitar escolas em vilarejos remotos na montanha, e também um carrinho para ir à igreja aos domingos e para visitar os parentes. Alguns moradores da aldeia nos

consideravam ricos, o que não era verdade, e chamavam meu pai de *Muzungu*, que significa “homem branco”, ou “gente rica”, o que, para muitos ruandeses, dava no mesmo.

Ninguém mais na aldeia possuía uma moto, e mamãe sempre se preocupava com a possibilidade de papai ser assaltado por bandidos em algum desfiladeiro solitário das montanhas. Preocupar-se com a família era uma constante com mamãe, a ponto de, sempre que algum de nós passava mais de uma noite fora de casa, escutar os óbitos divulgados toda tarde pelo rádio.

— Mamãe, pense em todas as coisas boas que poderiam nos acontecer, em vez de se concentrar no que pode dar errado — eu insistia em vão.

— Oh, Immaculée, eu não resistiria se alguém batesse em minha porta com más notícias sobre um dos meus filhos ou sobre seu pai. Eu rezo para morrer antes de vocês todos. Ela rezava incessantemente por nossa saúde, segurança e bem-estar.

Meus pais eram católicos fervorosos e nos transmitiram suas crenças. A missa aos domingos era obrigatória, assim como as orações da noite, com toda a família reunida. Eu também gostava de orar, de ir à igreja e de tudo mais que se referia a Deus. Amava particularmente a Virgem Maria, convicta de que era minha segunda mamãe, que me protegia lá do céu. Não sei explicar o motivo, mas rezar fazia-me sentir contente e feliz. Tão feliz que um dia, aos 10 anos de idade, escapuli do colégio com minha amiga Jeanette para visitar o padre Clement, um padre sábio e idoso, muito amigo da família e que eu considerava como uma espécie de avô.

Jeanette e eu caminhamos por cerca de 11 quilômetros, através de campos e florestas, e atravessamos um rio a pé para encontrar padre Clement. Ele nos recebeu calorosamente, mas ficou preocupado porque chegamos à sua capela exaustas, ofegantes, encharcadas e pra lá de sujas. Sua aparência era a de um santo, mais alto do que nós, com sua batina branca folgada, braços abertos em boas-vindas e um lindo rosário pendurado ao pescoço.

— O que é isso, meninas? Em que posso ajudá-las? — perguntou.

— Padre, queremos dedicar nossas vidas a Deus — disse Jeanette em tom solene.

— É isso mesmo, padre — concordei. — Pensamos muito e queremos ser freiras.

— Freiras? Entendi — disse ele, balançando a cabeça afirmativamente e com seriedade, mas acho que provavelmente disfarçava um sorriso. Com as mãos pousadas sobre nossas cabeças, deu-nos uma bênção especial. — Que Deus abençoe essas queridas meninas, defenda-as do mal e proteja-as por toda

a vida. — Então olhou para nós e ordenou: — Agora vão para casa, todas duas. Voltem quando tiverem completado 18 anos, e então, se ainda desejarem ser freiras, tornaremos a conversar.

SE MEUS PAIS ERAM CATÓLICOS FERVOROSOS, eram cristãos no sentido mais amplo da palavra. Acreditavam na Lei de Ouro¹ e nos ensinaram a tratar o próximo com bondade e respeito. Sentiam-se fortemente ligados a sua aldeia e se dedicavam à criação de uma comunidade próspera e harmoniosa. Papai passava muitos fins de semana ocupado em trabalhos voluntários, tais como a construção de uma capela ecumênica, e pagou do próprio bolso boa parte dos custos. Além disso, criou um fundo escolar que concedia bolsas de estudo às crianças carentes, fundou com essa finalidade uma das poucas cooperativas cafeiras de Ruanda e permitiu que uma dúzia de cafeicultores plantasse em suas terras sem lhes cobrar arrendamento, se prometessem doar parte dos lucros ao fundo. O programa foi tão bem-sucedido que sobrou dinheiro para a construção de um centro comunitário, um campo de futebol para os adolescentes e um telhado novo para a escola.

Mamãe também era conhecida por suas obras beneficentes. Era incapaz de dar as costas a um necessitado, e freqüentemente tínhamos outra família morando conosco porque estava em dificuldades e precisava de um teto até se recuperar.

Depois do trabalho, minha mãe muitas vezes se oferecia como voluntária para dar aulas particulares a estudantes, e vivia comprando tecido para fazer os uniformes das alunas da escola local. Uma vez eu a entrevi quando conversava com uma vizinha que estava muito triste porque não podia comprar um vestido de noiva para a filha.

— Rose, que espécie de mãe sou eu, que mando minha filha para sua nova vida usando roupas velhas? — perguntou a mulher. — Se ao menos eu tivesse uma cabra para vender, poderia vesti-la corretamente no dia do seu casamento.

Minha mãe disse-lhe para não se preocupar — Deus havia de prover, era preciso ter fé. No dia seguinte vi mamãe contando o dinheiro que havia economizado do salário de professora. Em seguida dirigiu-se à aldeia e voltou para casa com os braços carregados de tecidos de cores variadas. E passou a noite acordada, costurando vestidos para a noiva e as damas de honra.

Papai e mamãe consideravam a aldeia como uma extensão de nossa família, e os aldeões freqüentemente os tratavam como pais substitutos. Papai gozava em toda a região da reputação de homem culto, esclarecido e justo. Conseqüentemente, vinha gente de longe em busca de seus conselhos quan-

¹ Não faça aos outros o que não quer que seja feito com você.

to a problemas de família, dificuldades financeiras e investimentos em algum negócio. Era chamado muitas vezes para arbitrar discussões locais e inculcar disciplina em jovens rebeldes.

Crises na aldeia eram geralmente seguidas de batidas em nossa porta e do pedido:

— Leonard, você pode nos ajudar? O que devemos fazer, Leonard?

Papai, fosse a hora que fosse, mandava-os entrar e discutia seus problemas até chegarem a uma solução. Era bom diplomata e sempre fazia as pessoas pensarem que elas próprias haviam solucionado suas dificuldades.

Mamãe também era requisitada como conselheira, principalmente por mulheres jovens que passavam por problemas com os maridos. Ao longo dos anos, tantos dos nossos vizinhos haviam sido seus alunos que muitos aldeões a chamavam simplesmente Professora.

Mas, apesar de muito dedicados à aldeia, eram pais extremosos e passavam conosco o maior tempo que podiam.

De vez em quando, depois de trabalhar até tarde e sair para tomar uma cerveja com os amigos, papai chegava em casa muito tempo depois de estarmos na cama.

— Onde estão os meus pequenos? Onde estão meus filhos queridos? — perguntava, um pouco “alto”, mas cheio de afeição.

Mamãe ralhava com ele:

— Estão dormindo, Leonard, como deveriam estar. Se quiser vê-los, trate de chegar em casa mais cedo.

— Acontece que eu não gosto de jantar sozinho — dizia ele, e nos tirava da cama carinhosamente. Nós nos sentávamos de pijama em torno da mesa, enquanto ele jantava e contava como tinha passado o dia. Nós adorávamos esses momentos.

Terminado o jantar, papai nos mandava ajoelhar na sala de visitas e recitar a oração noturna.

— Mas eles já rezaram, Leonard. E eles têm escola amanhã!

— Tudo bem, Rose, eu também tenho trabalho amanhã, e orações nunca são demais. Não concorda, Immaculé?

— Sim, papai — eu respondia timidamente. Eu adorava meu pai e ficava radiante por ele me fazer uma pergunta tão séria.

Eram momentos mágicos esses — quando papai deixava de lado sua aparência severa —, e seu amor por nós era visível.

* * *

ÉRAMOS QUATRO CRIANÇAS NA FAMÍLIA: eu e meus três irmãos. O mais velho era Aimable Ntukanyagwe, nascido em 1965, um ano depois do casamento de meus pais. Mesmo quando pequeno, era o mais sério de todos. Tão quieto e introspectivo que dizíamos que era o padre da família. Mamãe o adorava, seu primogênito e favorito, mas Aimable era humilde, tímido e sentia-se constrangido pelo excesso de atenção que ela lhe dispensava. Além disso, era gentil e detestava violência. Sempre que os outros meninos brigavam ou se entregavam a provocações, ele os afastava e os fazia reconciliarem-se.

Nas ausências de papai, Aimable ocupava seu lugar. Tomava conta de tudo: se havíamos terminado os deveres de casa, feito nossas orações antes de dormir, e nos mandava para a cama na hora certa. Era o último a se recolher, mas antes verificava se as portas estavam trancadas e a casa em segurança. Parecia bem mais velho do que sua idade real, mas era um irmão amoroso, que sempre perguntava como tinha sido meu dia, como eu estava indo nos estudos e se meus amigos me tratavam bem. A diferença entre nós era de cinco anos e, quando crianças, suficiente para dificultar nossa intimidade.

Eu tinha 7 anos quando ele foi para o colégio interno, e, depois disso, só nos víamos nas férias e em datas especiais. No dia em que ele partiu, tive uma terrível dor de barriga. Embora sua escola ficasse numa cidade próxima, para mim era como se meu irmão estivesse indo para a Lua. Foi a primeira vez que senti a dor física de perder alguém que se ama. Dias depois, quando meu pai nos fez sentar para escrevermos cartas para Aimable, eu só conseguia pensar em duas coisas para dizer. Escrevi em letras grandes e arredondadas:

Querido Aimable.

Eu amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você... e estou com saudades suas.

Beijos.

Immaculée.

P.S.: Estou com saudades suas.

Meu pai riu ao ler a carta.

— Immaculée, você não contou a visita à casa da vovó, nem disse como estão passando seus irmãos. Tente escrever de novo, com mais notícias e menos “eu amo você” e “estou com saudades suas”.

— Mas é assim que eu me sinto, papai.

Eu não entendia por que ele queria que eu amasse menos meu irmão — mas papai nunca se cansou de implicar comigo por causa dessa carta.

Dois anos depois do nascimento de Aimable, veio ao mundo meu segundo irmão mais velho. Seu nome era Damascene Jean Muhirwa, e ele era brilhante, arteiro, engraçado, generoso, extremamente amoroso e irresistivelmente adorável. Ele me fazia rir diariamente e sempre sabia como secar minhas lágrimas. Damascene... até hoje não consigo pronunciar seu nome sem sorrir... ou chorar. Era três anos mais velho do que eu, mas eu me sentia como se fôssemos gêmeos. Meu maior amigo e minha alma gêmea.

Quando eu estava triste, Damascene logo aparecia para me consolar — como no dia em que fiquei furiosa porque mamãe me mandou limpar o quintal enquanto os meninos iam jogar futebol. Damascene preferiu faltar ao jogo, abandonar os amigos e me ajudar — vestido com uma saia!

— Trabalho de mulher nunca tem fim — ele cantarolou em voz fina e apanhou um ancinho, fazendo-me morrer de rir. E passou a tarde inteira trabalhando comigo.

Até quando se comportava mal, o que raramente acontecia, tudo acabava dando certo. Aos 12 anos, ele secretamente “pegou emprestado” o carro de papai e aprendeu sozinho a dirigir. Normalmente, meu pai o castigaria de forma severa por essa falta, mas ele simplesmente abraçou Damascene quando descobriu o acontecido. Tudo se passou assim: papai tinha viajado a trabalho, e mamãe sofreu um grave ataque de asma. Ela caiu no chão, semi-inconsciente, e mal conseguia respirar. Damascene a colocou no ombro, levou-a até o carro, sentou-a cuidadosamente no banco de trás e dirigiu 14,5 quilômetros até o hospital mais próximo. Embora quase tenha atropelado duas vacas, três cabras e vários vizinhos pelo caminho, chegou a tempo. O médico disse que mamãe teria morrido se demorassem mais um pouco.

Quase todos que conheciam Damascene gostavam dele — seu sorriso fácil e temperamento jovial eram contagiantes. Era o palhaço da classe, mas também um aluno brilhante, regularmente classificado entre os melhores da escola — e seria o primeiro jovem da região a obter o mestrado. Estudava muito, mas conseguia tempo para se dedicar ao judô, no qual chegou à faixa marrom, tornar-se capitão do time de basquete, tanto na escola secundária quanto na universidade, e servir como o principal coroinha da igreja. Chorei uma semana inteirinha quando ele foi para o colégio interno e pensei que eu nunca mais conseguiria dar uma risada.

Damascene era a luz da minha vida.

O caçula da família era meu irmãozinho John Marie Vianney Kazeneza, três anos mais novo do que eu. Vianney tinha um jeito inocente, com seus olhos arregalados, e, como todo caçula, era adorável mas irritante. Ao crescer, tornou-se um rapaz musculoso, muito mais alto do que eu, mas para mim seria sempre meu irmãozinho caçula — nunca deixei de pensar que era minha obrigação cuidar dele. Era um menino encantador, que me seguia por toda parte, como um cachorrinho. Acostumei-me a tal ponto à sua presença constante que sentia sua falta quando não estava por perto implicando comigo.

Fui a terceira entre os filhos de meus pais, e a única menina, o que, numa sociedade dominada pelos homens, representava uma exigência maior. Na cultura de Ruanda, ter uma “boa reputação” é tudo. E meus pais se mantinham vigilantes para que sua filha conservasse uma reputação sem manchas. Eram mais severos comigo do que com meus irmãos, cabia-me executar um número maior de tarefas domésticas, devia chegar em casa mais cedo, minhas roupas eram escolhidas por eles, que aprovavam ou desaprovavam meus amigos. Meus pais me incentivaram a ser uma boa aluna e a adquirir conhecimentos, mas, como mulher numa sociedade muito conservadora, esperava-se que eu fosse vista, mas não ouvida.

É irônico que tenha sido eu a destinada a contar nossa história.